

Uma visão de um discente sobre Gestão Social

A VIEW OF ONE STUDENT ABOUT SOCIAL MANAGEMENT

Vanessa Alves Mascarenhas ¹

RESUMO

Este trabalho tem como intuito destacar a visão e percepção pelo ângulo de uma única aluna do terceiro semestre de administração sobre o que seria Gestão Social (GS), sua metodologia de ensino baseada em oficinas, as dinâmicas utilizadas e a sua receptividade por parte de uma turma do sétimo semestre deste mesmo curso (administração) na Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. Para a formulação do diário de bordo aqui apresentado foram feitas anotações pessoais durante as aulas assistidas que posteriormente foram revisadas de forma mais crítica, e entrevistas com outros alunos da turma após o término da disciplina. Por tanto, possui uma visão empírica que não pode ser generalizada, sua metodologia é qualitativa e restringida a uma única disciplina assistida pela aluna/autora. Este trabalho não possui fundamentação teórica e não se dispõem a explicar o conteúdo ou a terminologia adequada para a disciplina de GS, apenas focar em uma possível metodologia alternativa.

Palavras-chave: Diário de Bordo; Gestão Social; Metodologia alternativa; Oficinas; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This work has the aim to highlight the vision and perception by the angle of a single student's third semester administration about what would Social Management (SM), its teaching methodology based on workshops, the dynamics used and their receptivity on the part of a class the seventh semester of the same course (administration) at the Federal University of Ceará, Cariri Campus. For the formulation of the logbook presented here were personal notes made during lessons assisted that were later revised with more criticism, and interviews with other students in the class after the end of the course. Therefore, has an empirical view that can't be generalized, their methodology is qualitative and restricted to a single discipline assisted by student / author. This work has no theoretical basis and are unwilling to explain the content or terminology appropriate to the discipline of SM, just focus on one possible alternative methodology.

Key Words: Daily of Board; Social Management; Alternative Methodology; Workshops; Interdisciplinarity.

¹ Graduanda em Administração pela Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. E-mail: vanessa.mascarenhas@gmail.com.

Relato das atividades

Sou aluna do sexto semestre do curso de Administração da Universidade Federal do Ceará. No semestre passado, ao adiantar uma cadeira, eu paguei Gestão Social, cadeira obrigatória do sétimo semestre. Foi nesta disciplina que tomei conhecimento da vontade do projeto nacional de Observatório da Formação em GS de trazer a tona o olhar discente através do Diário de Bordo faz parte.

Antes de começar as aulas eu ouvi comentários sobre a minha (até aquele momento) futura professora. Nos corredores dizia-se que ela tem a fama de fazer coisas diferentes, um dos exemplos que foi me dado era que ela fazia, antes das aulas começarem, um pouco de ginástica laboral com os alunos.

No primeiro dia de aula, foi apresentada à classe a ideia de haver aulas em formato de “oficinas”, e que nelas haveria dinâmicas para que assim facilitassem a aprendizagem dos alunos. Eu nunca havia tido oficinas como aula; nunca tinha pensado na possibilidade das duas coisas irem juntas.

Daí em diante, tivemos que fazer diferentes atividades e cada oficina tinha seu propósito: exploração, revisão ou fixação do assunto.

Eu não saberia dizer se essas dinâmicas funcionariam em outras aulas como, por exemplo, matemática financeira, mas, em minha opinião, elas se encaixaram perfeitamente com Gestão Social, já que não há um conceito pré-determinado do que ela seja. Toda a matéria é um exercício do pensar; é preciso sempre perguntar, questionar e criticar, e, muitas vezes não há respostas para as perguntas, apenas mais perguntas, e é por isso que as dinâmicas funcionam em cadeiras como essa; pois, dar aula da forma tradicional talvez não estimulasse tanto o diálogo e a formação de ideias quanto uma metodologia alternativa pode fazer.

A dinâmica que eu mais gostei foi quando a professora nos solicitou que contássemos uma história (“história inventada”, é nome da dinâmica), quer dizer, o jogo é simples: o grupo inteiro está disposto em roda e uma pessoa (neste caso, eu), escolhida ou voluntária, começa o conto. Essa pessoa tem o poder, com este primeiro passo, de definir o contexto, o problema, as personagens do enredo; ela traceja uma direção e passa “o novelo” nas mãos do integrante ao lado. Assim, cada membro da roda chegará a ter sua vez para entrar e contribuir com a história. Ninguém tem obrigação de falar, pois existe a opção de passar a fala para a pessoa seguinte. A dinâmica foi interessante porque, além do resultado inesperado, houve uma discussão posterior que nos fez analisar a vida que teremos com gestores/administradores.

Explicando melhor, quando eu comecei com a história, eu criei um personagem e supus quais acréscimos meus colegas poderiam fazer, e errei totalmente na suposição. O dragão que não podia voar que eu criei de repente se tornou em um filme de zumbis, e depois disso, eu como narradora inicial, terminei, no conto dos meus colegas, como uma escritora louca obcecada pela própria estória que acabou sendo internada em um hospício.

A turma aparentou se divertir com a história, depois discutimos o porquê do rumo tomado, nossas expectativas e pareceres. Como bons “administradores”, interpretamos de forma a encaixar-se com nossa realidade, onde as mudanças são inevitáveis, algumas coisas são incontroláveis e outras contornáveis. Percebemos que o trabalho em equipe pode prejudicar ou melhorar um fim previsto. Notei que cada um tem uma coisa importante a acrescentar e que cada acréscimo depende de nossas experiências: damos sempre um pouco de

nós. Cada indivíduo tem algo de seu para acrescentar e este “algo a mais” pode mudar totalmente percurso escolhido (para o bem ou para mal). A sociedade tem o poder de mudar as organizações, assim como o inverso também é verdadeiro. O fim pode ser bem diferente do que proposto inicialmente, mas isso não significa, necessariamente, algo ruim. Contudo, se este não for o desejo do administrador, faz-se essencial a existência de um planejamento, mas nem mesmo isso pode evitar concretamente alguns passos dados fora do percurso delimitado.

Outro elemento importante diz respeito a questão da presença ao momento presente; isto é a capacidade de não se apegar ao que você prefigurou ou gostaria que acontecesse, e sim fique aberto para acolher e usar da melhor forma possível tudo que chegue até você. A capacidade de improvisação é algo normalmente desconsiderado na gestão, mas que hoje começa a ser valorizada.

E foi entre risadas e comentários que saímos para merendar. Eu acredito que esta dinâmica foi a mais discutida fora de sala. No intervalo, o grupo quase que não se desfez, continuamos a discutir as “nuances” da dinâmica, discutimos sobre qual teria sido o “melhor” fim para a estória, e as reais repercussões do que aprendemos para a nossa vida profissional.

Mas a atividade não terminou por aí, depois dos debates e reflexões a professora pediu que cada um (apenas voluntários) fosse ao centro da sala e fizesse uma pose que representasse um momento ou personagem da história. Poucos foram (eu fui), mas acho que ficou legal o nosso “retrato-vivo” da estória que havíamos acabado de inventar. Fotos foram tiradas. Ninguém precisou explicar sua pose, a maioria já era autoexplicativa. Uma colega de sala chegou a fazer um desenho que representaria (na ideia dela) melhor a nossa estória do que a “estátua” que fizemos. O desenho ficou legal. Mas, mais uma vez, houve uma interpretação individual do que seria o “melhor conto”.

Outras dinâmicas como esta foram feitas no decorrer do semestre. Categorizei-as em: “Retrato vivo”; Enquetes; Debates; Seminários; Avaliação tradicional escrita (prova); e Outros.

Entre as dinâmicas apresentadas como “retrato vivo” está a já mencionada anteriormente, onde retratamos com nossos corpos partes da estória inventada pela classe. Porém houve outras dinâmicas/oficinas neste estilo:

Ao entrarmos na sala de aula encontramos um pano florido no chão, a professora havia posto este pano e diversos elementos (cesta de piquenique, estatua, bila, flores...) com o intuito de que a turma, um por vez, pegasse um desses objetos e pusesse sobre o pano, explicando o que aquele objeto representava para se e para a “administração”, Esse momento foi fotografado e filmado. Muitos (mas, infelizmente, não todos) dos alunos deram sua opinião. O quadro formado foi desfeito e refeito algumas vezes, até que a turma aprovasse sua conclusão. Essa atividade foi acompanhada de comentários, incentivos e risadas por parte da turma. Os alunos aparentaram estarem animados com a opinião de seus colegas, mesmo aqueles que pouco participaram.

Outro “retrato vivo” foi proposto quando a professora solicitou que ficássemos em duplas (ainda em círculo). Cada um da dupla deveria apontar um entre os fatores importantes encontrados no texto lido na aula anterior (Uma abordagem do tema: Gestão Social de Diego de Melo Conti), e justificar sua escolha. Depois que cada um dissesse sua opinião, a professora solicitou que nós representássemos para nossos parceiros essa opinião, mas desta vez o faríamos sem falas, apenas em gesto (uma mímica).

Foi sugerido que fizéssemos uma estatua, só que desta vez existiria apenas um “escultor”. Isto é, alguém se voluntariaria para esculpir uma estatua usando os seus colegas (não tão voluntários assim). Houve duas estatuas, e foi a segunda estatua que me chamou mais atenção. Essa, na verdade, trouxe os aplausos de toda a sala, foi quando uma aluna fez um círculo de homens altos de boca aberta ao redor de uma garota baixa, escondida (no meio) entre eles. Ao explicar, a “escultora” disse que os meninos representavam o grupo/a sociedade e a mulher (baixinha) uma única pessoa, o individual, então: O individual fica excluído em detrimento do grupo. E todos têm o direito de falar (representado pelos meninos de boca aberta).

Discutimos o porquê da dinâmica. Ela fez a classe ver a dificuldade que existe em gesticular, em se calar, em se expressar através de outros códigos (desta vez, a mimica). Refletimos que quanto mais se cresce mais priorizamos os códigos de linguagem. As palavras podem ser ambíguas, mas os gestos acabam sendo muito mais, por isso é tão difícil “dizer” exatamente o que queremos sem nada falar. Mas, ao colocar isso no âmbito da Gestão Social, onde os alunos, futuros gestores dotados de conhecimento acadêmicos acabam “falando” de forma não compreensível, às vezes, com a comunidade em que querem intervir na forma da Gestão Social, por isso se faz necessários que aprendam a se comunicar de diversas formas, treinando e ampliando seus códigos para se relacionarem com sujeitos não acadêmicos, àqueles que deverão interpreta-los.

Outra metodologia que experimentamos foi a realização de encenações com base em textos lidos, as enquetes, houve leitura de texto, e foi através deste que cada equipe elaborou sua peça. A professora fez esta dinâmica três vezes, cada uma delas com um texto diferente. O interessante das enquetes era que tínhamos que estudar mais do que o que era dado em sala, para que assim pudéssemos elaborar exemplos corretos, e por isso o assunto era melhor fixado. Houve apenas um problema em uma das ocasiões, não foi a enquete em si, mas a forma como a professora avaliou, quer dizer, ela nos pediu para que avaliássemos nossos próprios colegas.

Foi solicitado que nos separássemos em equipes de quatro pessoas para que pudéssemos criar uma peça onde representaríamos algo semelhante ao que estudamos. No final das apresentações A professora pediu para a turma avaliar cada equipe. Não houve muitas iniciativas. Em minha opinião não podíamos recriminar uma equipe assim, principalmente porque a primeira equipe foi a que menos se saiu bem. Alguns alunos (inclusive alguns da própria equipe) deram nove à apresentação e a professora não aceitou.

Neste momento da disciplina, houve a tentativa de envolver a turma em formas de autoavaliação e ocorreu divergência a partir da dificuldade da turma expressar julgamentos sobre colegas.

Acho que sem percebermos, aprendemos uma lição muito diferente da pretendida, é difícil criticar os amigos, mesmo que eles estejam errados, é difícil, na frente de uma classe inteira, dizer que seu desempenho não foi satisfatório, essa é uma lição que como alunos de administração nós temos que aprender. No fim das contas, como método avaliativo de Gestão Social, a forma escolhida pela professora não foi produtiva, já que nossa opinião foi desconsiderada, mas essa mesma metodologia foi eficiente (para mim) na nossa formação como cidadão e futuros administradores (mesmo que essa não tenha sido a intenção primordial).

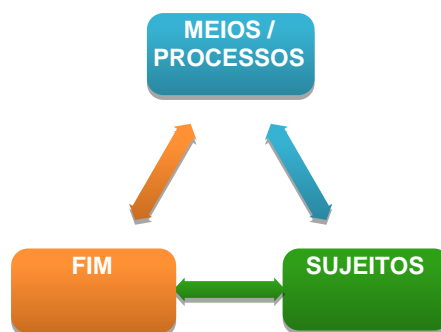
Outra dinâmica diferente, a qual eu não classifiquei, foi quando a professora solicitou que nos juntássemos em duplas, um na frente do outro (mas exigiu

que se mantivessem em circulo), cada aluno deveria relatar duas coisas: Seu melhor momento das férias e uma sugestão de transformação que operaria na universidade de acordo com suas características mais predominantes. A professora enfatizou a necessidade em que o parceiro teria que dar total atenção ao seu colega, olhar nos olhos e ouvir, apenas ouvir, sem interrupções. A professora então pediu para que escrevêssemos o que havíamos ouvido de nossos parceiros, e em um segundo momento nós discutimos (já de volta ao circulo normal) as coincidências encontradas, nossas opiniões e um resumo da dupla. Quanto ao primeiro momento, onde descrevermos nosso “dia feliz” a um parceiro deu-nos a oportunidade de nos conhecermos melhor e praticar a capacidade de ouvir, e nos comunicarmos adequadamente em uma sociedade.

No decorrer das aulas, as oficinas diferenciadas foram ficando cada vez mais para trás, os métodos avaliativos se concentraram nos debates (já existentes após cada dinâmica) e seminários. Debates em equipe se seguiram a leitura a cada texto proposto pela professora. Foram feitos mais seminários e no decorrer de cada leitura houve cada vez menos oficinas e mais debates, que, contudo, eram quase sempre igualmente produtivos. Porém, quando ocorreu a primeira aula diferente das demais, isto é, com menos “oficinas”, a turma estava menos participativa. Aparentemente, a maioria havia lido o texto solicitado para a aula, mas havia muitas dúvidas sobre o conceito que usamos nas aulas para GS.

O debate mais eficaz para mim foi quando reunidos em grupos de quatro pensamos sobre os termos que acreditamos ser os mais apropriados para descrever a Gestão Social e, a pedido da professora, criamos um conceito próprio. O debate ocorreu logo após a elaboração desse conceito, foi então que eu percebi pela primeira vez que não sabíamos o que era GS, que todos os nosso pré-conceitos sobre a matéria estavam equivocados ou eram por demais generalizados. Neste momento foi aberto um espaço para que os alunos expusessem suas dúvidas e estas foram respondidas em debates pelos próprios alunos. Neste ponto, nós já havíamos começado com as leituras de textos, mas um conceito ainda era esperado. O primeiro texto lido e discutido pela turma foi “Uma abordagem do tema: Gestão Social” de Diego de Melo Conti. Foi neste momento que a professora nos apresentou a ideia do Tripé da GS (Meios, fim e sujeito).

Figura 1: Tripé da GS



Fonte: Elaboração própria.

Em resumo foi proposta uma possível definição: Gestão Social é uma gestão compartilhada (“construção coletiva”) e; É a interação entre setores diferentes (governo e sociedade).

A professora percebeu a dificuldade na turma ao lidarem com um conceito não fechado, “não pronto”. Para isso ela fez uma nova dinâmica diferenciada. Fez os alunos olharem imagens que possuíam ilusão de óptica, essas imagens tinham uma natureza ambígua. Como interpretação desta dinâmica alguns alunos tiraram a seguinte conclusão: “Alguém de fora supõe o que uma comunidade precisa, mas quem está dentro, sabe de suas necessidades são diferenças, tem outro foco, vê por outro ângulo”; “Todos os problemas são definidos pela sua ótica”; “Dependendo do conceito que temos de GS atribuímos às ações diferentes serem ou não parte GS”.

Com o decorrer das aulas ficou evidente que alguns alunos participavam mais que outros, para tentar evitar que alguns alunos se excluíssem totalmente da interação das aulas, em determinado momento (um debate) foi pedido que os alunos dessem abertura para os demais participarem, estimulando assim os tímidos a falarem mais (não funcionou muito, ao meu ver, mas foi o melhor que ela poderia fazer, tendo em vista que não poderia obriga-los a falar).

Já entre os seminários o que mais me chamou atenção foi quando, em equipe, nós deveríamos criar uma história fictícia ou real que demonstrasse todos os ângulos do chamado “cerco aos governos” (M. A. NOGUEIRA). A diferença com relação a um seminário tradicional foi que as equipes foram pedidas para trazer às apresentações imagens que facilitassem a compreensão do texto. Foram estas imagens que ajudaram na nossa compreensão (de nossos erros e acertos) e estimularam mais uma vez os debates.

Porém nem tudo foram flores. A Universidade estava passando por momentos conturbados e isto refletiu na dinâmica das aulas. O primeiro indício dos problemas que viriam foi a paralização. Na aula em que houve paralização estava marcada uma apresentação de seminário, que acabou por não ocorrer. Por meios virtuais a professora marcou uma prova, apesar de ter dito que não o faria. A prova consistiu em apenas duas questões, ambas abertas e de cunho pessoal e interpretativas.

Algumas semanas após as primeiras paralizações, e faltando apenas três aulas de GS a serem dadas, a Universidade Federal do Ceará, juntou-se as diversas outras universidades federais do país em uma greve que durou de três a quatro meses, para nós, foram longos três meses.

Após um tempo tão grande sem aula, os professores em todas as disciplinas virassem encurralados, tendo que dar a matéria final aos trancos e barranco, além de solicitarem suas avaliações finais às pressas. Em GS a dificuldade de voltar às aulas não foi diferente, mas a atitude tomada para motivar os alunos foi diferente.

Para recordarmos o que havia sido dado nos meses anteriores a greve, a professora teve a ideia de solicitar aos alunos que levassem figuras que para eles significassem algo sobre GS para ser apresentado em sala. Parecia-nos lógico supor que nós apresentaríamos nossas próprias imagens, mas já conhecendo um pouco das dinâmicas da professora, eu e minha amigas supomos que isso seria fácil demais, acreditávamos se proposto algo mais para “complicar” a dinâmica. Dito e feito.

Ao chegarmos à sala nos foi solicitado que colocássemos nossas imagens em um cesto de forma que ninguém visse que imagem era essa. Neste cesto já se encontravam algumas imagens que a própria professora havia colocado. E então foi solicitado que cada aluno pegasse uma imagem aleatoriamente do cesto e então formasse equipes, onde a sua imagem pessoal tivesse haver com imagem de cada um dos demais integrantes da equipe e com estas

imagens cada equipe fez uma mapa conceitual. Juntando sua imagem pessoal a outras e, a partir daí, construíssemos uma história.

Foi debatido internamente entre as equipes, e depois apresentado ao restante da classe o que havíamos aprendido sobre GS no decorrer das aulas com a ajuda do mapa criado.

Após cada apresentação houve debates onde a matéria de todo o semestre foi revista, discutida e esclarecida. Foi um momento verdadeiramente produtivo, muito melhor do que apenas continuar o assunto como se não tivessem existido três meses de interrupção das aulas. Os mapas expostos foram bastante criativos e esclarecedores. Esse momento foi fotografado. E foi nossa última aula.

Conclusão

Em retrospectiva, considero o que foi nos proporcionado encontrar novas formas de comunicação, com isso a disciplina não está apenas formando acadêmicos, mas cidadãos mais expressivos. Para demonstrar meu pensamento recorde-me da aula da mímica.

Eu gosto da interação da turma, deste momento “relex”, acho que o grupo se uniu mais com essas dinâmicas. Eu sinto que com a participação da turma a aula flui melhor, e nos faz compreender melhor; dizer o que entendemos em voz alta nos faz perceber os erros de nossa concepção e ajudar um colega a completar seu “achismo”. Mas a dinâmica da mímica foi especial para mim, só então eu compreendi o quanto, com o tempo, nos tornamos “quadrados”, o quanto fazemos as coisas de forma mecânica, simplesmente porque era assim que era feita, mas às vezes, por isso mesmo, não obtemos o que desejávamos. Temos que nos adaptar e para isso é preciso saber/compreender mais códigos, outras formas de expressão (social ou cultural).

Com a leitura dos textos em sala de aula ou em casa eu pude compreender melhor o sentido em que as aulas estavam decorrendo. Mas eram os debates que me fizeram aprender e fixar ao assunto.

Algumas aulas foram semelhantes a aulas tradicionais, e foram estas aulas que eu achei menos produtivas. Aparentemente a turma se acostumou com atividades mais dinâmicas e participativas, quando isso era retirado era visível o desânimo geral. Por tanto, eu pude perceber que as oficinas foram bem quistas pela maioria e esta metodologia diferenciada trouxe mais ânimo as aulas e facilitou a compreensão do assunto.

A resposta da turma

Para obter um “feedback” sobre minhas ideias, resolvi fazer uma retrospectiva com os meus colegas de sala. Perguntei a alguns deles o que havia ficado em suas memórias e o que haviam achado das oficinas em geral. Forma poucos alunos, apenas dez. Porém, foram selecionados por serem figuras representativas da turma e incorporarem posturas diferenciadas com relação ao processo de ensino.

Houve dois grupos de respostas distintas de dois grupos de pessoas distintas. Isso é, houve pessoas que amaram a metodologia e pessoas que odiaram. As pessoas que “amaram” disseram que a metodologia inovadora evitou que a

matéria caísse da armadilha da mesmice e do tédio, acharam que as oficinas auxiliavam na fixação do conteúdo, estimulavam o pensamento e a análise crítica, por mais que esse grupo ainda tenha chegado a reclamar o fato de não ter aprendido um conceito exato/fechado do que seja Gestão Social, mas isso não é culpa da professora, não é que ela não tenha passado, é porque não (confirmei isso ao assistir uma palestra de GS onde a palestrante falou exatamente isso). Essas pessoas foram às mesmas que durante o decorrer da semestre participaram das discussões, se esforçaram na elaboração das enquetes, e principalmente se voluntariaram para integrar-se às oficinas.

Os alunos que afirmaram não ter gostado de forma alguma da cadeira e da forma como a professora lecionou justificaram que a professora não soube avaliar de direito porque sendo eles tímidos (afirmação dos próprios alunos) a forma avaliadora obrigava a participação, quando estes indivíduos não estavam dispostos ou não se julgavam capazes de participar por extrema timidez. Alguns alunos chegaram a afirmar que possuíam conhecimento do assunto, mas não gostam ou não estão acostumados a dar sua opinião na frente de várias pessoas (mesmo sendo elas seus antigos colegas de classe), por isso sugeriram que deveria ter existido outra forma de avaliação.

Para mim houve a prova escrita para isso. E que os alunos têm que se acostumar a se comunicar para poderem ser capazes, no mundo “real”, a expor suas ideias e lutar pelos seus direitos, e para isso é preciso falar em público às vezes.

De qualquer forma, a maioria aparentou ter aprendido a matéria (e isso é o que deve importar). E eu pessoalmente gostei das dinâmicas por serem capazes de passar o assunto acadêmico e até mesmo cívico de forma leve e interativa. E afinal de contas, ninguém consegue satisfazer todos simultaneamente.